

Café feminino: mulheres organizadas buscando igualdade no Sul de Minas

Women's Coffee: organized women seeking equality in the South of Minas, Brazil

Maria Izabelle Pereira

maria.izabelle@sou.unifal-mg.edu.br

Graduanda do curso de Matemática Licenciatura da Universidade Federal de Alfenas

Eric Batista Ferreira

eric.ferreira@unifal-mg.edu.br

Professor do Departamento de Estatística da Universidade Federal de Alfenas

Recebido em: 03/08/2022
Aprovado em: 08/10/2022

Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)

ISSN 2359-5116 | V 11 | N.2 | JUL.-DEZ.2022

RESUMO

O empoderamento feminino na agricultura é um tema bastante relevante, uma vez que muitos dos produtos agrícolas são produzidos por mulheres. Na produção cafeeira, a maioria das atividades são realizadas por mãos femininas. Apesar da grande participação das mulheres neste ambiente, ainda acontece a desvalorização e muitas apresentam dificuldades para assegurar seu lugar nas tomadas de decisões, seja em cooperativas, associações ou até mesmo dentro de casa. O Grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI), vinculado a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM) é um grupo de mulheres produtoras de Café Orgânico Feminino e Café Sustentável Feminino na cidade de Poço Fundo-MG e região que buscam mudar esta realidade. Juntas desenvolvem um trabalho de cooperação para que, além de comercializarem o café e garantirem a autonomia financeira também participam de cursos e eventos que possibilitam o desenvolvimento de valores que propiciam a valorização e o empoderamento feminino na agricultura. Atualmente é comercializado a própria marca de cafés femininos do Grupo MOBI que são reconhecidas pelo selo de Certificação Participativa do Café Feminino. Foram realizadas entrevistas com cooperados e colaboradores da COOPFAM, bem como as participantes do Grupo MOBI que contaram suas experiências e relatos que contribuíram para a construção deste artigo. O primeiro café comercializado pelas mulheres ocorreu em 2012 e consistia em um *blend* com o café de todas as participantes. Muitos valores são trabalhados e zelados pelas participantes, entre eles podemos destacar empoderamento, valorização, independência, economia, participação, igualdade e reconhecimento. As mulheres se sentem felizes em produzirem café e buscam aumentar o número de participantes do MOBI e o número de produtoras de café feminino.

Palavras-Chave: Café; Certificação; Cooperativa; Empoderamento; Valorização.

ABSTRACT

Female empowerment in agriculture is a very relevant topic, since many of the agricultural products are produced by women. In coffee production, most activities are carried out by female hands. Despite the great participation of women in this environment, devaluation still occurs and many have difficulties in securing their place in decision-making, whether in cooperatives, associations or even at home. The Grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI), linked to the Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM) is a group of women producers of Female Organic Coffee and Female Sustainable Coffee in the city of Poço Fundo-MG and region that seek to change this reality. Together they develop cooperation work so that, in addition to marketing coffee and ensuring financial autonomy, they also participate in courses and events that enable the development of values that promote the

appreciation and empowerment of women in agriculture. Currently, the MOBI Group's own brand of female coffees is marketed, which are recognized by the seal of Participative Certification of Female Coffee. Interviews were conducted with members and collaborators of COOPFAM, as well as the participants of the MOBI Group who told their experiences and reports that contributed to the construction of this article. The first coffee marketed by women took place in 2012 and consisted of a blend with the coffee of all the participants. Many values are worked on and cared for by the participants, among them we can highlight empowerment, valorization, independence, economy, participation, equality and recognition. Women are happy to produce coffee and seek to increase the number of MOBI participants and the number of female coffee producers.

Keywords: Coffee; Certification; Cooperative; empowerment; Valuation.

Introdução

Um tema recorrente nas esferas sociais e que muitas vezes traz confusões acerca do seu real significado é a questão do empoderamento feminino. É algo que está cada vez mais presente em todas as áreas que compõe a sociedade e não é diferente na agricultura. Cada vez mais, as mulheres vêm se destacando e mostrando sua importância para esta economia taxada como exclusividade masculina.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) as mulheres trabalham diretamente no plantio, na colheita e nos tratos de animas e são as principais responsáveis pela produção de doces, queijos e quitandas, em geral. Ademais, números levantados pela Secretaria de Estado da Administração (SEAD) apontam que milhões de mulheres trabalham com a agricultura no Brasil e cerca de 45% dos produtos da agricultura familiar são plantados e colhidos por mulheres. Além disso, em uma pesquisa feita em 2019 no grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI), Hirata, Rocha e Bergamasso (2019) afirmaram que as mulheres estão presentes na realização de 70% das atividades relacionadas ao plantio e manejo e 90% das atividades das etapas de colheita, comercialização e gestão.

Estudos da Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que além de justiça social, o empoderamento da mulher no campo pode representar um aumento de 30% na produção agrícola e garantir a segurança alimentar do planeta uma vez que cerca de 90% do que elas lucram no campo é reinvestido na educação e no bem-estar da família (GUBERT et al. 2020), o que ressalta a importância das mulheres para manter e até mesmo aumentar a produção agrícola.

Assim, aumentar os investimentos na agricultura feminina e em projetos de capacitação para as mulheres agricultoras pode trazer melhorias na produtividade e na qualidade dos produtos, ou seja, conforme Quisumbing et al. (1996), fornecer investimentos na área de educação básica para as mulheres ajudaria a aumentar a produtividade agrícola e a renda, uma vez que agricultores com melhor nível de educação tem maior probabilidade de adotar novas tecnologias. Os mesmos autores ressaltam que, um estudo no Quênia descobriu que aumentar a educação primária das mulheres agricultoras não apenas as torna mais propensas a plantar café, mas também aumenta a adoção do café por outras mulheres agricultoras, que são mais propensas a serem influenciadas/motivadas por outras mulheres do que os homens.

Conforme Butto (2011) apud Hirata, Rocha, Bergamasso (2019) por mais que existem relevantes contribuições das mulheres nas atividades agrícolas e por

consequência para o desenvolvimento rural, muitas vezes elas não são valorizadas ou reconhecidas pelo trabalho realizado. Neste contexto, os autores Gubert et al. (2020) afirmam que as mulheres estão em desvantagens sendo excluídas de projetos, reuniões e associações.

O trabalho de Martins et al. (2020) descreve a experiência de incubação do grupo MOBI - acompanhar o grupo a fim de desenvolver temáticas pertinentes ao interesse da organização - a partir de um programa de extensão da Universidade Federal de Alfenas, a ITCP/UNIFAL-MG. Com isso, diante das diversas discussões realizadas, as mulheres puderam entender o poder de suas organizações e que possuem voz na sociedade e na cooperativa.

Além disso, Flaviano (2021) traça o perfil das mulheres participantes do Grupo MOBI, através de pesquisa e entrevistas apenas com as produtoras de café orgânico. Ele encontrou que as participantes possuem idade entre 28 e 70 anos, a maioria possuem apenas o ensino fundamental I, e que 80% das participantes são casadas e possuem em média dois filhos.

Ademais, Flaviano (2021) verificou que projetos de incentivo de equidade de gênero iniciaram após a criação do grupo, ou seja, uma temática muito recente e que se deu apenas com o esforço e insistência das mulheres. Com isso, algumas situações de empoderamento foram surgindo com a participação feminina no grupo e na cooperativa, como o café feminino, cursos de capacitação, comercialização de artesanato, entre outros. Ou melhor, “a cooperativa é o meio pelo qual as mulheres buscam seu Empoderamento e o MOBI é o espaço onde tudo acontece e se concretiza.” (FLAVIANO, 2021, p. 146).

A autora também realizou a classificação do empoderamento presente no grupo MOBI, segundo a literatura como: econômico - as mulheres relataram a independência financeira alcançada com a venda do café e dos produtos artesanais; organizacional - é ressaltada a melhoria na capacitação das mulheres no âmbito da gestão da propriedade e de técnicas agrícolas, que auxiliam o trabalho feminino; individual - se relaciona ao empoderamento dos valores e da confiança adquirido pelas mulheres; e coletivo - uma vez que ressalta o anseio do crescimento do grupo e destaca a coletividade e cooperativismo entre as cooperadas.

O presente artigo, através do levantamento de dados, de entrevistas com participantes da COOPFAM e do grupo MOBI e pesquisas nos documentos oficiais dos órgãos, busca descrever e entender a história do grupo MOBI e do café feminino produzido pelas cooperadas da COOPFAM. O objetivo deste trabalho é levar o relato das

mulheres da COOPFAM a outras mulheres, para que as motivem a seguir com o seu café e assumir autonomia dentro da propriedade e da cooperativa da qual fazem parte, além de propiciar maior visibilidade ao grupo MOBI. Ainda, busca destacar os valores e sentimentos adquiridos pelas cooperadas e busca compreender como o grupo contribuiu para a formação pessoal e profissional das mulheres produtoras de café.

Desenvolvimento do texto

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alfnas (5.404.854; 12/05/2022) e caráter é classificada como exploratória, de caráter investigativo, a fim de obter os dados que serão utilizados no levantamento histórico acerca da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM) e do Grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI).

Os dados foram obtidos através de duas etapas. A primeira etapa consiste na descrição histórica da COOPFAM e do grupo MOBI e foi construída através de pesquisas nos regimentos internos e entrevistas realizadas com 4 produtoras de café feminino, 2 cooperados fundadores da COOPFAM, 1 cooperado e diretor da cooperativa e 2 colaboradores dos Departamentos de Desenvolvimento Social e Comercial. Nas entrevistas, puderam relatar suas experiências com o grupo, com a cooperativa, com a produção cafeeira e forneceram dados quantitativos acerca da história da COOPFAM, bem como do Grupo MOBI.

As entrevistas foram realizadas através do *Google Meet* devido à pandemia e também à distância entre os pesquisadores e os participantes. Além disso, foram solicitadas imagens às produtoras, das suas propriedades e das suas lavouras que representam o que descreveram em suas entrevistas.

A segunda etapa consistiu na realização de um questionário elaborado através da plataforma *Google Forms* que foi enviado no grupo de *Whatsapp* do grupo MOBI. Das 23 participantes do grupo de *WhatsApp*, apenas 15 responderam ao questionário online. As demais alegaram que estavam sem internet ou que estavam havendo oscilações, por esse motivo, justificaram a sua ausência na pesquisa.

Os voluntários aceitaram participar da pesquisa e assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o questionário e para a entrevista. Todos os procedimentos foram realizados de acordo com os padrões éticos do CEP institucional.

Análise e discussão dos dados

História da COOPFAM

Em meados da década de 80, o Brasil vivia a transição de governos militares para o civil por meio do voto indireto. Foi neste cenário que em Poço Fundo, sul de Minas Gerais, fortaleceram-se em 1983 as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) que foram lideradas pelo ex Pe. Douglas Doria e ex Pe. Adoniram Renó. As CEBs, que são definidas como organismos da Igreja Católica, se caracterizam por: (a) celebração dominical realizada por leigos ou leigas; (b) ampla participação na tomada de decisões, geralmente por meio de assembleias; e (c) ligação entre a reflexão bíblica e a ação na sociedade (OLIVEIRA, 2009). O município de Poço Fundo destacou-se pela receptividade das propostas de organização das CEB, e foi dividido em 12 setores.

Vale ressaltar que outros movimentos importantes para o desenvolvimento da agricultura familiar e feminina que ocorreram em paralelo à criação da COPFAM também tinham como base as organizações da Igreja Católica. Como é o caso do Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA), onde Salvaro, Lago e Wolf (2013) ressaltam que teve início no município de Chapecó/SC em 25 de julho de 1981 com a CPT e as CEB sendo espaços para reflexões e organização das mulheres agricultoras.

Uma particularidade dos setores é que em todos os encontros era entoado o refrão do canto “Baião das Comunidades” de Zé Vicente:

“Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente da nova nação e ê. Somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade povo do senhor ê ê” (CHANDRA, 2013).

Nos anos seguintes, um grupo de pequenos agricultores, com a liderança do então seminarista Agnaldo Perugini, se articulava na formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que é uma instituição civil, sem fins lucrativos, criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em outubro de 1975 para atuar nas questões agrárias (OLIVEIRA, 2009). Entre eles destacaram-se João Ademir Pereira, José Antônio Mendes, José de Ávila, José Joaquim Borges (Quinzinho) e sua esposa Cidinha, Donizete Evaristo Tavares, João Gonçalves (Joãozinho do Cardoso), José Nivaldo dos Santos (Valdinho), Luis Carlos de Paiva, Demailza Passos, Olavina Passos, Luis Adauto de Oliveira, Geraldo Gonçalves (Feio), Messias de Paula Ferreira, Rosa Elenir (Rosinha), José Urbano Borges (Zezinho, in memoriam) e sua esposa Maria José, José Divaldo Muniz, José Celso Muniz, Noel Mendes, entre outros.

A partir da necessidade de formação destas lideranças e a pedido dos próprios, iniciou-se aos 08 de dezembro de 1985 reuniões mensais aos primeiros domingos de cada mês e foram implantados cursos de formação de lideranças e de técnicas alternativas na produção de alimentos. “Este grupo de simples produtores tinham uma preocupação primordial: ser um ponto de resistência ao êxodo rural e produzir de forma sustentável sem prejuízo ao meio ambiente” (Comunicação pessoal de João Ademir Pereira, 15 de julho de 2022). A palavra de Deus era a motivação e a inspiração do grupo. Sempre faziam, em suas reuniões, um momento de oração e reflexão da palavra de Deus à luz da realidade que viviam.

Animados com as ideias libertárias da classe, os pequenos agricultores resolveram formar uma chapa para disputar a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Poço Fundo. Foram imensamente massacrados nas urnas desta eleição. Diferente do que aconteceu em Poço Fundo, Salvaro, Lago e Wolf (2013) relatam que o MMA se fortaleceu com a conquista da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó.

A partir do ocorrido, o grupo começou a pensar na busca de caminhos alternativos e próprios. Assim, nasceu a Associação dos Pequenos Produtores de Poço Fundo. Eram realizados mutirões para a colheita do café bem como compras conjuntas de adubos.

Dos setores que surgiram com as CEBs, nasceram os núcleos de base. Com o aumento do número de sócios as reuniões do primeiro domingo de cada mês passaram a ser destinadas apenas para o líder de cada núcleo, que é votado entre os participantes. Após as reuniões do primeiro domingo, cada líder se organiza e se reúne com seu núcleo, repassando o que foi visto na reunião com as lideranças. Este esquema acontece até os dias atuais, apresentando êxito e sucesso.

Houve grande dificuldade burocrática para encaminhar a exportação do café dos produtores, viu-se então a necessidade de avançar um passo e criar a Cooperativa, uma vez que, segundo Frantz (2012) *apud* Harold (2022), as cooperativas são uma opção para intermediar as relações comerciais, e apoiar um processo inclusivo de agricultores familiares nos mercados.

Então, nasceu em 05 de maio de 2004, a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo, que mais tarde, devido à inclusão de sócios das cidades de Andradas, Araponga, São João da Mata, Machado, Campestre, Poços de Caldas, Lavras, Caratinga, entre outros, passou a ser chamada de Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região.

Certificação Orgânica e Sustentável

O agricultor interessado em se tornar cooperado passa pelo processo de filiação que se inicia seis meses antes da inclusão, de fato. Primeiramente é necessária a participação em seis reuniões de núcleo para que o agricultor tenha conhecimento de como é o funcionamento, bem como as normas. Após tais reuniões o agricultor passa por uma análise do núcleo do qual pertence, e assim que aprovada é passado para a diretoria, onde novamente é avaliado. A partir deste momento a certificação é dividida entre propriedades orgânicas e propriedades sustentáveis, que são aquelas que estão no processo de se tornarem convencionais SAT, isto é, de serem produzidas sem o uso de agrotóxico, usando somente adubos químicos.

Desta forma, na cooperativa existem propriedades em que seguem as orientações do café convencional SAT, mas ainda não receberam o selo de certificação, por se tratarem de um número pequeno de propriedades. As demais propriedades utilizam agrotóxico moderadamente, o que é garantido pela vistoria dos técnicos da cooperativa. Se caso os produtores não seguirem com as recomendações, lhe cabe uma punição de 2 anos sem os benefícios proporcionados pela COOPFAM e são vetados de comercializar o café pela cooperativa durante este período.

Nas propriedades sustentáveis, após a aprovação pela diretoria, é formada uma comissão com técnicos da cooperativa que vão, em visita, até a lavoura a fim de adequar a propriedade nas normas *Fair Trade*, que são, conforme Salgueiro e Claro (2015): respeito ao meio ambiente; criação de novas oportunidades de mercado para os produtores em desvantagem; transparência nas ações e resultados financeiros abertos; práticas de comércio justo por todos os elos da cadeia; em termos sociais, econômicos, e meio ambiente, visando o bem-estar de pequenos produtores marginalizados pelo mercado; pagamento de preços justos aos produtores associados; assegurar a ausência do trabalho infantil; assegurar as boas condições de trabalho às pessoas envolvidas, sem discriminação de sexo ou raça; prover o desenvolvimento das habilidades das pessoas participantes por meio de apoio; e treinamento e propagar o conceito do comércio justo sempre que possível.

Nas propriedades orgânicas a certificação ocorre em dois momentos. O primeiro momento ocorre com a visita dos técnicos para avaliação da propriedade e da lavoura. Na propriedade, são realizadas orientações acerca da casa dos cooperados, se caso há acúmulo de lixo aos redores, se há a utilização de herbicida no quintal e também são

realizadas uma série de perguntas investigando a preocupação do cooperado com o meio ambiente. Na lavoura também é analisado a questão dos lixos aos redores, tais como sacarias, embalagens de produtos, entre outros, além de que é feita uma análise de solo para verificar a utilização de agrotóxicos e a partir daquele momento está proibido o uso dos mesmos. Também é orientada a construção de barreiras vegetais para que assegure a não contaminação pelos produtos utilizados nas lavouras vizinhas.

Já no segundo momento ocorre a certificação participativa que é quando outros produtores orgânicos visitam a propriedade, certificando-a ou não, que esteja conforme o regimento. O processo de certificação orgânica é mais lento e necessita de 18 meses para validar o orgânico Brasil e 36 meses para garantir o selo de Orgânico Internacional. Após receber o selo, o produtor se compromete não somente com sua propriedade, mas também com o regimento interno da cooperativa e também com os colegas produtores que participaram da certificação. Além de que todos os anos os produtores orgânicos produzem um caderno de anotações chamado de Caderno de Campo e na cooperativa há o Caderno de Plano de Manejo Orgânico onde as informações sobre a propriedade e lavouras devem ser atualizadas anualmente.

A certificação Feminina também ocorre pelas visitas dos técnicos e de outras produtoras, há também uma vistoria da participação das mulheres na produção da propriedade que de acordo com o regimento interno tem que ser superior a 60%. Em seguida, a certificação decorre conforme a Certificação de Café Sustentável e de Café Orgânico respectivamente, seguindo as orientações para cada café específico.

Comercialização

A COOPFAM é certificada *Fair Trade*, assim a comercialização dos cafés segue as normas do comércio justo e por isso, já recebem um aditivo financeiro por saca. Salgueiro e Claro (2015) explicam que o surgimento de produtos certificados *Fair Trade* surgiu por volta de 1960, visando desenvolver o trabalho voluntário e a sustentabilidade. Atualmente, a cadeia *Fair Trade* se baseia em quatro categorias, sendo a primeira o produtor rural e o produtor de artesanatos que seguem as normas importadas pela certificação, a segunda composta pelos importadores que estão dispostos a pagar um preço justo pelos produtos e levam os produtos aos lojistas, que também necessitam aceitar a proposta do comércio e por fim, temos a certificadora que garante aos

consumidores que o produto escolhido se trata de um produto que visa a sustentabilidade e o bem estar dos produtores, justificando o valor agregado aos produtos.

Em um trabalho realizado na COOPFAM, Barone (2017) verificou que com o mercado *Fair Trade* o preço pago pelo café e a acessibilidade ao mercado, foram os impactos mais relevantes que o mercado justo trouxe para os pequenos produtores cooperados. Na mesma linha, Lima (2016) verificou que após a cooperativa se tornar certificada *Fair Trade* foram eliminados 120 atravessadores através da exportação de café realizada de forma direta pela COOPFAM.

A cooperativa comercializa os cafés orgânicos, cafés sustentáveis, cafés femininos, micro lotes e o café familiar da terra. Após serem secos e limpos conforme certificação de cada lote, os cafés são depositados pelos produtores no armazém da cooperativa, em seguida são enviadas amostras de cada lote à classificação, onde é avaliado o aproveitamento, ou seja, o processo de catação e peneira. Nesta etapa há uma promoção dos lotes quando atingem 15% de catação e 60% de peneira e bebida dura para os cafés sustentáveis e 15% de catação e bebida dura para os orgânicos.

Após esta classificação os lotes são encaminhados para a degustação para definir para qual cliente ou padrão aquele lote será utilizado. Atualmente a COOPFAM trabalha com duas maneiras de comercialização: os *blends*, que é a mistura dos lotes a fim de alcançar os padrões pré-estabelecidos de qualidade sensorial nos cafés que não alcançam um padrão de qualidade elevado; e os micro lotes que é quando os lotes possuem qualidade alta e única.

Por fim, após os cafés serem classificados são realizados os contratos para cada padrão, assim os cafés são preparados para cada cliente. Atualmente exporta-se o café feminino para os Estados Unidos e Canadá. Já os Cafés *Fair Trade* e *Fair Trade* Orgânico são exportados para Alemanha, Suíça, Reino Unido, França, Itália, Coreia do Sul, Japão, Austrália e Nova Zelândia.

A torra e a moagem dos cafés ocorrem de forma específica, pois a cada lote comercializado são identificadas, por meio da prova, notas e características existentes naquele determinado café, o que resulta em moagem e torra específicas para cada lote, a fim de ressaltar estas características que colaboram para uma bebida ainda mais fina. Por exemplo, nos cafés femininos geralmente são utilizados torra média e moagem médio-fina para ressaltar a doçura presentes nas maiorias dos lotes, porém não se pode generalizar.

Além da exportação, a COOPFAM tem sua marca de cafés e são comercializados nos supermercados de Poço Fundo e região, além de vender seus produtos através de sua página na internet. A Figura 1a representa o Café Orgânico Feminino que é encontrado em embalagens de 500 gramas e 250 gramas sendo torrado e moído ou torrado em grãos. São cafés produzidos por mulheres cooperadas com a certificação feminina e certificação orgânica. A Figura 1b retrata o Café Sustentável Feminino comercializado torrado e moído e torrado em grãos, disponíveis em embalagens de 500 gramas e 250 gramas. Produzidos por mulheres produtoras de cafés sustentáveis seguindo as certificações feminina e sustentável conforme regimento interno da cooperativa.

Figura 1: Cafés Femininos produzidos na COOPFAM



(a): Café Feminino Orgânico

(b): Café Feminino Sustentável

Fonte: COOPFAM (2022)

Além dos cafés femininos, também há a comercialização do Café Orgânico e do Café Sustentável. São comercializados em embalagens de 500 gramas e 250 gramas nas opções torrado e moído e torrado em grãos. Os produtores destes cafés recebem o selo *Fair Trade* orgânico.

A COOPFAM também comercializa cafés especiais de alta qualidade através de micro lotes. Estes cafés são identificados pelo nome do produtor e normalmente é marcado com alguma premiação justamente pela alta qualidade apresentada. Assim como os demais estão disponíveis em embalagens de 500 gramas e 250 gramas e nas opções de torrado e moído e torrado em grãos.

Por fim, o Café Familiar da Terra, nasceu da necessidade de levar café de qualidade para todos, é feito a partir de *blends* de cafés sustentáveis. Para melhor

aceitação do mercado, sua torra é escura, a fim de aproximar com os outros produtos já existentes. É disponível aos consumidores em embalagens de 500 gramas, torrado e moído.

Cadeia do Bem

Em 2018, foi lançada a Cadeia do Bem, buscando atender as normas do *Fair Trade*, e possui como lema “O que é bom para mim tem que ser bom para todos”. Esta frase tão dita e repetida pelos cooperados é o que move a COOPFAM e leva a desenvolver projetos que visam o retorno do café para beneficiar não somente o bem estar dos produtores, mas também a família, a comunidade e o meio ambiente. Todos os projetos são aprovados em assembleia pelos cooperados.

A Cadeia do Bem se baseia nos quatro pilares da COOPFAM: Café - é o produto que move esta cooperativa; Meio Ambiente - preocupação e projetos que visam a preservação do meio ambiente. Segundo Silva e Torres (2020), este pilar é fundamental na organização das cooperativas, pois se torna uma grande facilitadora de práticas sustentáveis, pois auxiliam nas tarefas de orientar os agricultores no cultivo, fiscalização, organização financeira e gestão do seu negócio. Ainda, apresenta como uma das práticas fundamentais das cooperativas para seus associados da agricultura familiar é a Educação Ambiental; Família - projetos voltados ao bem estar da família cooperada; Comunidade - projetos sociais. A seguir dois dos principais projetos desenvolvidos pela COOPFAM. Vale ressaltar que muitos projetos foram interrompidos devido à pandemia do Covid-19, em 2020.

O projeto “HortMOBI” visa resgatar o hábito da construção de hortas que se perdeu ao longo do tempo, além de garantir uma alimentação saudável para as famílias cooperadas e também para a comunidade, visto que o excedente é comercializado.

As mulheres participantes deste projeto receberam apoio financeiro, através dos materiais necessários para a construção da horta e do fornecimento de mudas, sem contar o suporte técnico oferecido pelos técnicos da COOPFAM desde a implantação até o atual momento.

Em síntese, Toledo (2019) ressalta o importante papel da cooperativa para a atividade de cafeicultura, principalmente para a agricultura familiar, uma vez que esta organização proporciona aos cooperados inúmeras vantagens como: orientação ao produtor nas questões comerciais, transferência rápida e flexível de tecnologias, operações sofisticadas para o comércio do café, ações que qualificam o produtor e o

produto, melhor remuneração e controle de custos de produção para resistir aos períodos de baixa e aproveitar os momentos de alta. Além de haver uma preocupação com o bem-estar, com a saúde e com o meio ambiente que envolve a família cooperada.

Grupo MOBI

O grupo MOBI é considerado um núcleo especial da COOPFAM. Como em todos os núcleos, as reuniões acontecem uma vez por mês, para que a líder do grupo passe as informações da cooperativa para as cooperadas. Entretanto, diferente dos demais núcleos, outras pautas são discutidas como, cursos do interesse das mulheres, formação de lideranças e eventos esporádicos, como por exemplo, em comemoração ao dia da mulher.

Outra característica que torna o núcleo MOBI especial é o fato de que mulheres que não são cooperadas da COOPFAM podem ser participantes do grupo MOBI, apenas não participam das votações em assuntos referentes à cooperativa. Nem sempre foi assim, e para chegar à estrutura que se têm hoje, as mulheres tiveram que passar por muita luta e preconceitos.

No início as mulheres participavam das assembleias e reuniões, mas por não serem cooperadas elas não participavam da votação e não assinavam na lista de presença. No Brasil, de maneira geral acontece o mesmo cenário que em Poço Fundo, “67% das mulheres do agronegócio brasileiro não sentem que o espaço dado a elas é igual ao dos homens e 71% delas já sentiram o machismo na lida rural” (NASCIMENTO, 2017, p. 18).

Foi neste cenário, que nasceu em 23 de junho de 2006 o grupo MOBI vinculado à COOPFAM onde as mulheres se organizaram buscando igualdade e direito de liberdade de expressão, uma vez que todas possuíam/possuem grande contribuição para a produção cafeeira, mesmo que indiretamente. Movidas pelos mesmos motivos das mulheres envolvidas no Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e *International Womens's Coffee Aliança* (IWCA).

Ambos são movimentos e organizações, frutos da luta das mulheres por espaço na agricultura. Os movimentos MMA e MMC, conforme Salvaro, Lago e Wolff (2013), surgiram em Santa Catarina em 1981 e 2004, respectivamente e buscam, de maneira geral, a igualdade de gênero, reconhecimento da profissão, aposentadoria, auxílio-acidente de trabalho, auxílio doença, salário-maternidade, entre outros. A IWCA, segundo Grão Verde, é uma organização sem fins lucrativos com boa representatividade no cenário internacional por ter força em diversos países produtores e compradores de café. A iniciativa partiu de um grupo de norte-americanas em 2003, durante uma visita às

lavouras da Nicarágua. A ideia se difundiu e hoje, conta com 18 anos de trajetória. Fazem parte desta história produtoras da Nicarágua, Guatemala, Costa Rica, El Salvador, República Dominicana, Colômbia e Burundi, na África.

A produção de café no município de Poço Fundo é predominantemente familiar o que resulta em um grande percentual de participação das mulheres na agricultura, segundo Hirata, Rocha e Bergamasso (2019) as mulheres estão presentes na realização de 70% das atividades relacionadas ao plantio e manejo e 90% das atividades das etapas de colheita, comercialização e gestão. Como ressalta Osório (2019), apesar de forte presença das mulheres na agricultura, elas são consideradas, majoritariamente como coadjuvantes.

No intuito de somar forças, as mulheres começaram a se organizar, a partir da demanda do grupo. Assim, foram realizados cursos de pintura e artesanatos em geral, cursos de derivados de leite, entre outros, estas reuniões foram se intensificando e comprometendo mais mulheres.

Logo, surgiu a necessidade de nomear aquele forte grupo, surgiu então um debate para escolher o nome que representasse as participantes. Foi então quando uma das mulheres sugeriu MOBI que significava “Mulheres Organizadas Buscando Independência” e permaneceu por muito tempo. Após estudos etimológicos da palavra “independência” e discussões das participantes, a sigla MOBI passou a ser “Mulheres Organizadas Buscando Igualdade”, pois as mulheres não queriam mais que a igualdade de gênero dentro e fora da COOPFAM.

De acordo com o regimento interno o grupo é/será composto por mulheres acima de 15 anos, sendo elas cooperadas ou colaboradoras. As cooperadas possuem vínculos com a COOPFAM e podem comercializar seu café, já as colaboradoras não tem vínculo com a cooperativa, entretanto participam de todas as atividades do grupo, exceto nas decisões sobre a cooperativa.

Dados de outubro de 2021 mostram que no total, 39 mulheres são cooperadas da COOPFAM sendo 22 delas produtoras de café feminino orgânico e 17 produz café feminino sustentável. Destas 39 mulheres, 23 são participantes do Grupo MOBI e as demais participam nos núcleos mais próximos de sua localidade.

Durante o percurso do grupo, as mulheres souberam da existência de Café Feminino nos Estados Unidos, logo se identificaram, pois a necessidade do surgimento deste café era a mesma existente no grupo: desvalorização do trabalho feminino na agricultura. A partir daí começou a moldar o anseio do café feminino. Após muita trajetória e luta, com diversas reuniões e cursos, aconteceu de fato o primeiro lote

feminino em Poço Fundo, resultado de todo o esforço e luta das mulheres, conforme uma das produtoras mesmo enuncia é a “materialização do esforço da mulher”.

O primeiro Café Orgânico Feminino foi registrado em 2012, a partir de um *blend* dos cafés das participantes do MOBI da época. Um fato importante a ser ressaltado é que o café feminino foi comercializado na Copa do Mundo de futebol que aconteceu no Brasil em 2014.

No início, a ideia era apenas ter o Café Orgânico Feminino, porém diante da demanda comercial e também da disponibilidade das cooperadas surgiu o Café Sustentável Feminino para as produtoras convencionais.

Em dezembro de 2020, foi realizado um concurso para cocriação do selo de Certificação Participativa do Café Feminino, os participantes estavam entre as mulheres do grupo MOBI e os jovens filhos de cooperados. O selo ganhador do concurso foi proposto por Maria Izabelle Pereira, participante do grupo de Jovens e filha de cooperada. A Figura 2 representa o selo que entrou em vigor em 2021 e está presente em todas as embalagens de cafés femininos comercializados pela COOPFAM.

Figura 2: Selo de Certificação Participativa do Café Feminino



Fonte: COOPFAM

As mulheres do grupo buscam novas metas e melhorias, entretanto já conseguiram diversas conquistas, como o Café Feminino, participações na cooperativa e até mesmo o cargo de presidente da COOPFAM, que atualmente é exercido por Vânia Lúcia Pereira da Silva, uma das fundadoras do grupo MOBI, além disso, a maioria, cerca de 57,14% da chapa que compõe a diretoria são mulheres.

Na segunda etapa da coleta de dados, ou seja, da realização do questionário enviado pelo grupo de *WhatsApp* das participantes, foram encontrados os resultados descritos a seguir.

As respondentes possuem idade entre 30 e 67 anos. Todas as propriedades se localizam na zona rural de Poço Fundo-MG, onde 60% produzem café orgânico feminino e 40% produzem café sustentável feminino. A experiência das produtoras variam de 20 anos a menos de 1 ano de produção de café feminino, apesar de já trabalharem com a cultura do café na propriedade da família.

Para a pergunta "O que mudou na sua vida a partir do momento em que se tornou produtora de Café Feminino?" as respostas mais frequentes estão relacionadas a valorização, empoderamento, autonomia e também remetem a amizade colecionadas com a participação no grupo. Uma produtora de café do estudo de Osório (2019) acredita que essa questão do empoderamento das mulheres nos últimos anos e, principalmente, o avanço da mulher no agronegócio contribuiu para a inserção das mulheres no mercado. Para ela as mulheres são mais caprichosas e detalhistas que os homens, mas, mesmo assim não podem se esquecer da qualidade da produção de seus produtos.

Em nosso estudo, uma participante relatou que após participar das atividades e se tornar produtora de café feminino adquiriu "mais consciência e certeza nas tomadas de decisões na lavoura. Além do empoderamento com certeza!" (comunicação pessoal, 5 de julho de 2022). O que reforça que o grupo tem alcançado um de seus objetivos, que é o de garantir espaço para as mulheres tanto na cooperativa quanto nas suas propriedades.

Através da pergunta "Como se sente sendo participante do grupo MOBI?" as mulheres expressaram que se sentem felizes e gratas, para ser mais específica, aproximadamente 54% mencionaram as palavras: "feliz", "alegria", "felicidade", "gratidão" e "agradecida". Ademais, 20% expressaram se sentir bem ao participarem do grupo MOBI e uma das respondentes alegou ser um sonho realizado. Assim, para Damasceno (2010) *apud* Meira (2013) as mulheres buscam valores além do dinheiro, como satisfação, bem-estar e sensação de colaborar com algo importante.

A partir dos relatos, foi possível observar que além da importância para a economia familiar que a renda da venda do café feminino traz para as famílias cooperadas, o Grupo MOBI é um espaço onde as mulheres se sentem acolhidas e por meio das atividades, principalmente cursos de formação, desenvolvam capacitação que motivam ainda mais a produzir café, mas, além disso, agregam valores para a vida pessoal e profissional. Apesar disso, Meira (2013) em seu estudo com as mulheres do município de Barra do Choça (BA), afirma que muitas se sentem realizadas com o trabalho na agricultura, todavia 5 das 25 entrevistas afirma que ainda não existe o tratamento igualitário entre homem e mulher neste meio.

A Figura 3 retrata os principais valores citados pelas mulheres ao ser perguntado "Quais valores você acredita ter adquirido ou lapidados após a inserção no grupo?".

Figura 3: Valores trabalhados e adquiridos no Grupo MOBI



Fonte: Do Autor.

Os valores apontados pelas mulheres mostram que após se tornarem participantes elas adquiriram empoderamento, independência e autonomia, tanto na sua propriedade e dentro da COOPFAM quanto dentro da sociedade de maneira geral, refletindo, como diz Osório (2019) na diversidade da atuação feminina em campo. Antes vistas meramente como ajudantes, hoje as trabalhadoras têm se destacado em diferentes etapas do processo produtivo de alimentos, como o café, e outras atividades relacionadas à geração de renda e desenvolvimento econômico social no campo.

Ainda, conquistaram a participação e igualdade dentro da cooperativa. Apesar de adquirirem a valorização e o reconhecimento de muitas pessoas que conhecem a história das mulheres, ainda existem pessoas que não admitem que as mulheres são merecedoras do café feminino, considerando-as apenas como ajudantes. Desta forma, estes dois valores merecem atenção para que sejam trabalhados tanto pelas mulheres quanto para as demais pessoas da sociedade. O autor Osório (2019) conclui que apesar das adversidades, existem homens e mulheres que buscam fazer a diferença no agronegócio do café e visam o crescimento mútuo de ambos.

O desejo de aumentar o número de participantes do grupo e de produtoras de café feminino é uma necessidade ressaltada por diversas mulheres do grupo, que almejam conquistar um maior espaço para o café feminino. A seguir, destacaremos um trecho da fala de uma cooperada, na qual expõe seu sentimento de ser produtora de café e expõe suas perspectivas futuras, na pergunta: "Quais suas perspectivas para o futuro acerca do Café Feminino, grupo MOBI e COOPFAM?":

“O Café feminino é uma ferramenta de desenvolvimento da mulher e sua família, o Grupo MOBI é o vínculo com a prática do cooperativismo solidário e a COOPFAM é a proporcionadora de todo esse bem que acontece com as famílias que se envolvem. Minha perspectiva é que todo esse movimento aumente dentro da cooperativa e mais mulheres façam parte.” (comunicação pessoal, 5 de julho de 2022)

As mulheres do grupo visam o desenvolvimento, juntamente com as novas participantes que venham a surgir, de mais cursos de qualidade e de formação buscando o desenvolvimento intelectual de cada uma e melhorando a qualidade do produto. De acordo com Santos et al. (2008), as mulheres apontaram que a falta de financiamento é a principal limitação, para aumentar o desempenho, na atividade cafeeira, relacionada diretamente com dificuldades para o financiamento do custeio.

Ainda, objetivam um sonho de aumentar a produtividade dos cafés femininos da cooperativa e para isso, contam com a colaboração do departamento técnico da COOPFAM com o auxílio de cursos e de treinamento para as cooperadas. Osório (2019) afirma que este crescimento é notório, uma vez que a paixão pelo café está ganhando força entre o público jovem, que está se aprimorando, com cursos técnicos e superiores ligados ao agro. Sem contar que, de maneira geral, as mulheres estão mais abertas à inovação, a fim de aprimorar o negócio.

Além disso, conforme Narváz Chávez, Jácome e Florentino (2022) foram observadas diferenças significativas entre os preços acessados na comercialização em propriedades lideradas por homens e propriedades lideradas por mulheres. Os preços dos cafés obtidos pelas mulheres foi 3,2% superior aos preços obtidos pelos homens. Santos et al. (2015) *apud* Chávez, Jácome e Florentino (2022) manifestam apesar de avanços, as mulheres não possuem a voz final para decidir uma negócio.

Por fim, o MOBI retrata a luta de tantas mulheres produtoras de café no Brasil que lutam pelo sustento de sua família, tão quanto os homens que vivem na casa e por muitas vezes seu trabalho nem é considerado, havendo absurda desvalorização. Segundo Mesquita e Mendes (2012) tal desvalorização pode ocorrer até mesmo pelas próprias mulheres que não reconhecem seu trabalho, considerando-o apenas como ajuda, este fato é uma herança da ideologia patriarcal introduzido na criação e desenvolvimento das mulheres.

Para tanto, o grupo MOBI defende investimentos na agricultura familiar e feminina, pois acredita que só assim haverá consciência da importância da mulher, além de apresentar uma motivação para tantas outras agricultoras que ainda não alcançaram a

autonomia financeira, mas mesmo assim tem considerável contribuição para produção agrícola da propriedade familiar.

Considerações Finais

A COOPFAM é uma cooperativa que visa além do lucro com a comercialização do café *Fair Trade*. Um dos seus objetivos é promover o bem estar dos cooperados e de suas famílias, através do programa Cadeia do Bem.

O grupo MOBI é uma organização de mulheres que buscam autonomia, reconhecimento e valorização dentro da propriedade, da cooperativa e da sociedade. O Café Feminino veio como consequência do esforço da união feminina e atualmente é exportado para diversos países.

Atualmente a presidente da COOPFAM é uma mulher fundadora do grupo que contribui ainda mais com o crescimento do mesmo. Contribuindo para a elaboração e aprovação de projetos que favorecem os anseios do MOBI, o que conseqüentemente gera progresso.

O selo de Certificação Participativa do Café Feminino é um grande marco na história do café feminino da COOPFAM, pois com ele se iniciou de fato, a certificação de que aquele café se tratava de um produto produzido por mulheres.

Além de trazer renda para as mulheres e suas famílias o grupo MOBI também trabalha com a autonomia, valorização e potencialidades da mulher, desenvolvendo atividades que reforçam o elo entre as mulheres, como o cooperativismo, a união, o respeito e a autoajuda.

Muitas das respondentes do questionário alegaram ter construído amizades dentro do grupo e se sentem bem, felizes e agradecidas em participarem dos encontros do MOBI, até mesmo uma delas declarou ser um sonho realizado.

Um dos maiores objetivos do MOBI para as próximas décadas é o seu crescimento e visibilidade. Por isso, muitas participantes confessaram o desejo de aumentar o número de mulheres produtoras de café.

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração das integrantes do grupo MOBI, bem como aos funcionários e cooperados da COOPFAM que se disponibilizaram a relatar suas

experiências e fornecer dados relevantes para a construção deste artigo. Além disso, agradecemos a UNIFAL-MG e ao CNPq pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

Referências Bibliográficas

BARONE, M. **Cafés especiais e salto de escala: análise do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação dos cafés especiais do Sul de Minas Gerais**. 2017. 215 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017

CHANDRA, Rama. Zé Vicente- Baião das comunidades. 18 jun. 2013. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mUkSMkqqXzQ>. Acesso em: 04 de jul. de 2022.

COOPFAM. **Regimento interno**. 2021.

COOPFAM. MOBI. **Regimento Interno**. 2014.

COOPFAM. **Página oficial**. Minas Gerais, BRA. Disponível em: <https://coopfam.com.br/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

FLAVIANO, Viviane. **Empoderamento das mulheres do café feminino do grupo MOBI na COOPFAM**. 2021. 172f. Tese (Doutorado em Extensão Rural)-Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria. 2021.

GRÃO GOURMET. **Especial Mulheres do Café**. Disponível em: <https://www.graogourmet.com/blog/mulheres-do-cafe/>. Acesso em: 28 set. 2022.

GUBERT, Flávia Piccinin Paz *et al.* Empoderamento feminino na agricultura familiar. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 23-30, 31 out. 2020.

GUTIÉRREZ Isabel *et al.* **Participación de las mujeres y los jóvenes en la actividad ganadera en Santa Cruz, Turrialba: informe de investigación elaborado dentro del curso métodos cualitativos para la investigación y la acción participativa**. 2015. 37f. Turrialba: CATIE, 2015.

HAROLD, Carlos Alexandre da Silva *et al.* Protagonismo de cooperativas agropecuárias de agricultura familiar no Brasil. **Revista Grifos: Unochapecó**, Chapecó, vol. 32, n. 58, 2022.

HIRATA, Aloísia Rodrigues; ROCHA, Luis Carlos Dias da; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. A construção da certificação participativa do café feminino. *In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS*. 2019, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2019.

HIRATA, Aloísia Rodrigues; ROCHA, Luis Carlos Dias da; BERGAMASCO, Sonia Maria Passos Pereira. Por que Café Feminino?. *In: JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS*. 2019, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2019.

LIMA, Alfran Oliveira. **Transferência de conhecimento no contexto de uma cooperativa de produtores de café orgânico**. 2016. 183f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2016.

MARTINS, Luiza Avelar *et al.* O protagonismo feminino na agricultura familiar: um relato a partir da experiência de incubação do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade. *In: CONGRESSO NACIONAL DE AGROECOLOGIA*, 11., 2020, São Cristóvão. **Anais** [...] São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, v.15, n. 2, 2020.

MEIRA, Ariana Lisboa *et al.* Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. *In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL*, 8., 2013. Salvador. **Anais** [...] Salvador: Embrapa Café, 2013. 6 p.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Mulheres na agricultura familiar: a comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). *In: ENCONTRO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA*, 21., 2012. Uberlândia. **Anais** [...] Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia Uberlândia (UFU), 2012. 20 p.

NARVÁEZ CHÁVEZ, Dorys Mabel; JÁCOME, Máximo Gerardo Ochoa; FLORENTINO, Ligiane Aparecida. Good agricultural practices in enterprises led by young people and women from family farming in Minas Gerais. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e44811427537, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.27537. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27537>. Acesso em: 21 set. 2022.

NASCIMENTO, Amanda Pimenta. **Mulheres do café: as pesquisadoras do sul de Minas Gerais**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2017.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, BRA. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comunidades-ecclesiais-de-base-cebs>. Acesso em: 05 jul. 2022.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, BRA. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comissao-pastoral-da-terra>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Dia das Mulheres Rurais: agentes essenciais para o desenvolvimento da sociedade**. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/dia-das-mulheres-rurais-agentes-essenciais-no-desenvolvimento-da-sociedade/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OSÓRIO, Gabriela Luciano. **Mulheres do café: percepções sobre o crescimento das mulheres no agronegócio café**. 2019. 40f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, Varginha. 2019.

QUISUMBING, Agnes R. *et al.* Women: The key to food security. **Food and Nutrition Bulletin**. The United Nations University. v. 1, n. 1. 1996.

SALGUEIRO, J.; SANTOS, A. J. C. FairTrade como alternativa para os empreendedores familiares: um estudo exploratório. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá, v.8, n. 1, p. 95-113, jan./abr. 2015.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; LAGO, Mara Coelho de Souza; WOLFF, Cristina Scheibe. “Mulheres agricultoras” e “Mulheres camponesas”: lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, [S.l], v. 25, n. 1, p. 79-89, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100010>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SILVA, Rosa Adeyse; TORRES, Maria Betânia Ribeiro. Sustentabilidade e educação ambiental na Agricultura familiar: o caso de uma cooperativa no semiárido potiguar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente** [S.l], v. 55, p. 300-313, dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v55i0.73169>. Acesso em: 13. jun. 2022.